

SENTIDOS E DES-SENTIDOS DA LUSOFONIA E DA CPLP*

Fernando dos Santos Neves

Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e
Presidente do Conselho de Reitores das Universidades
Lusófonas

À semelhança do que o filósofo Kant pretendeu fazer tanto para a “Razão Pura” como para a “Razão Prática”, e até para responder fundamentadamente aos inevitáveis discursos incómodos sobre eventuais “lusofonias suspeitas, patrioteiras e colonialistas”, há que elaborar a “**Crítica da Razão Lusófona**”, ou seja, estabelecer as condições de legitimidade, de possibilidade, de necessidade e de urgência da construção da **Lusofonia**, as quais, também Kantianamente, poderiam intitular-se de “**Prolegómenos a toda a Lusofonia Futura**”.

Da realidade e projecto de tal “**Lusofonia**”, “**Espaço Lusófono**”, “**CPLP**” ou designações semelhantes não devem considerar-se ausentes nem as diásporas mais históricas simbolizadas por Macau e Goa nem as diásporas mais modernas dos Emigrantes Lusos e demais Povos Lusófonos espalhados pelo Mundo, a começar pelas gentes africanas a viver em Território Português e que, no mínimo, deveriam ter direitos de cidadania idênticos às pessoas provenientes dos Países Europeus.

A **Lusofonia** não pode ser, mas não está automaticamente excluído que seja ou se torne, uma versão retardada ou camuflada dos colonialismos políticos, económicos e culturais de antanho (Portugal) ou de agora (Brasil). E certos apregoados lusos “regressos a África” poderiam lembrar exemplos desses ainda remanescentes fantasmas.

A **Lusofonia** deverá igualmente e consequentemente implicar a superação definitiva das clássicas ideologias do género do “luso-tropicalismo”, do “bom colonialismo português”, do “não-racismo brasileiro”, do “colonialismo anti-económico” e quejandos, e designadamente desses dois indestrutíveis mitos que dão pelo nome do “**passado glorioso de Portugal**” e do não menos “**glorioso futuro do Brasil**”. Embora, por razões diversas e ultrapassadas as suas mitideologias e os seus provincianismos, **Portugal e Brasil** tenham de ser os primeiros grandes motores da **Lusofonia** e da **CPLP** e sejam os responsáveis históricos do seu êxito ou do seu fracasso. Nesta fase inicial, a nível das causas eficientes, e sem nenhuns ressaibos de serôdios paternalismos, a **Lusofonia** ou será luso-brasileira e até sobretudo brasileira ou não passará de mais uma promessa frustrada. Oxalá as actuais classes dirigentes de Portugal e do Brasil estejam ao nível deste desafio histórico. O que não parece, visivelmente, ser o caso.

Especificamente sobre a “**Crítica da Razão Lusófona**”, essencial é a superação de todos os **provincianismos**, tanto os mais grosseiros de isolamento e de atraso como os mais subtis de heterocentramento e de alienação, que afectam, com maior ou menor consciência e virulência, os diversos espaços do Espaço Lusófono ou os diversos Países e Povos de Língua Portuguesa, e de que, a seguir, apresento uma pequena lista meramente exemplificativa.

1. Relativamente a **Portugal** e para além de um “imperial-saudosismo”, que releva mais da psicanálise que de qualquer análise económica ou política, o nauseabundo **provincianismo** que desde há tempos venho chamando a “**doença infantil do**

* Conferência de abertura do “Colóquio sobre a Lusofonia, Humanismo e Desenvolvimento”, realizado em Bissau, no mês de Janeiro de 2001.

“europeísmo” ou a “concepção novorriquista, pacóvia, discipular e Schengeniana da integração europeia de Portugal”, como se, por ser e para ser Europeu, Portugal devesse deixar de ser luso e lusófono e como se não fosse a “Lusofonia” o grande e específico peso de Portugal “na balança da Europa” e do Mundo.

2. Relativamente ao **Brasil**, aquele **provincianismo** a que ultimamente chamei, por analogia, “**granderriquismo ilusório e pseudorrealismo economicista**” de alguns novos senhores do País, que quase lamentam o facto e quase se envergonham de serem lusófonos, não se dando conta de que, na geopolítica multipolar que se desenha e se deseja, a “**Lusofonia**” constitui chance única para o Brasil poder vir a ser alguém no concerto das potências hegemónicas do século XXI. Não haverá ninguém que consiga abrir os olhos dos Brasileiros a este axioma tão óbvio como essencial: Sem Brasil não haverá Lusofonia, mas também sem Lusofonia não haverá Brasil, que valham a pena! E também já agora, quando tomarão a sério a frase terrível do seu Presidente, Fernando Henrique Cardoso: “O Brasil não é um país subdesenvolvido, é um país injusto”, até porque, com as estruturas sociais existentes, dificilmente deixará de ser o eterno “país de nenhum futuro”.

Será que as celebrações dos quinhentos anos do seu “achamento” pelos Portugueses conseguirá levar o Brasil a “reachar-se lusofonamente” a si próprio?

3. Relativamente aos **Países Africanos**, por um lado, o **provincianismo** da não-resolução ou da re-emergência de certos complexos (e não só os clássicos de Édipo) e, por outro lado, o **provincianismo** típico de certas elites globalizadas, des-africanizadas e des-humanizadas.

O Colonialismo ou Imperialismo foi, certamente, o “último estádio do Capitalismo” (Lenine dixit!), o Neocolonialismo foi, certamente, o “último estádio do Imperialismo”, (dixit Nkrumah!) um certo Desenvolvimento e uma certa Cooperação e uma certa Lusofonia poderão ter sido ou querer ser o “último estádio do Neocolonialismo” (dixerunt alii!), a “Globalização Contemporânea” poderá ser ou vir a ser o “último estádio” de todas estas explorações e alienações (timent multi!); mas nada justifica e nada desculpa muitas das catástrofes africanas actuais (de que Angola é um dos mais dramáticos protótipos) como nada justifica e nada desculpa o comportamento abominável de certas elites africano-lusófonas. A “**Lusofonia**” aqui **proclamada pretende ser uma nova via democrática dos direitos humanos e do desenvolvimento de todos os PALOP, com o exemplo de Cabo Verde a apontar o caminho da dignidade.**

4. Relativamente à **Galiza** (de certo modo, com a Região Norte de Portugal, a mãe de todas as Lusofonias!) e reconhecendo embo-ra todo o peso da história, o **provincianismo** que designei de

“**questão espanhola**” (a não confundir com a “questão do Castelhana”, que é toda uma outra questão) e que poderíamos traduzir na seguinte fórmula: a Galiza, por ser e para ser lusófona, por ser e para ser um espaço integrante e activo do Espaço Lusófono e membro da **C.P.L.P.**, não precisa minimamente de pôr em causa a sua pertença ao Estado Espanhol, no quadro da grande Região Transfronteiriça Europeia do Noroeste Peninsular, de que a cidade do Porto é reconhecidamente a Capital incontestada (não se entendendo, aliás, porque não faça parte das “Cidades Capitais” componentes da UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa).

Muitos Galegos já começaram a percebê-lo, a maior parte dos Portugueses (sobretudo, Lisboaetas e até alguns Nortenhos!) e dos outros Lusófonos ainda não.

5. Relativamente ao caso de **Timor**, permito-me começar por citar palavras minhas escritas em 1996, felizmente, na substância mas não sob todos os aspectos, inactuais:

“Num mundo que proclama colocar no centro das suas preocupações o respeito e a implementação dos Direitos Humanos e especificamente o Direito à Autodeterminação dos Povos, a situação de **Timor - Leste** é um dos pecados que bradam aos céus (infelizmente, mais que à terra!) e um dos escândalos intoleráveis do nosso tempo: uma **CPLP** que, por pensamentos, palavras, obras ou omissões, esqueça ou adie a solução do “**caso timorense**”, continuando a permitir que a força do direito fique subordinada ao direito da força, será a negação prática permanente da sua reclamada existência e finalidade. **A inclusão explícita de Timor-Leste entre os membros da CPLP aparece como a prova mínima da seriedade activa e passiva deste projecto lusófono.**”

Será que tanto a **C.P.L.P.** como **Timor Lorosae** já perceberam que os seus verdadeiros interesses humanos e estratégicos, ao contrário do que, a curto prazo e a curtas vistas possa parecer, a lúcido e definitivo prazo passam pela **Lusofonia? Xanana Gusmão dixit e Xanana Gusmão é que sabe!**

6. Relativamente a todas as **Diásporas Lusófonas** (e até às simplesmente Lusófilas ou Lusótopas) e sem prejuízo da integração geral nas Sociedades em que vivem, que enormes tarefas e potencialidades recíprocas no sentido de reforçar uma identidade transnacional e transgeográfica, que vá além dos clássicos três “F” do Futebol, do Fado e de Fátima. **Para quando o oficial reconhecimento efectivo de uma efectiva “cidadania comum lusófona” que faça passar a CPLP a algo mais do que a pouco mais que nulidade real que ainda não deixou realmente de ser?** Até para ajudar a que façam mais e melhor, louvem-se as existências e as actividades de iniciativas e instituições como a “RDP e RTP África” e a “RDP e RTP Internacional”!

A presente “**Crítica da Razão Lusófona**” mais não visa do que contribuir para que a “**Lusofonia**” passe de mero mito, pura ideologia ou vã retórica a um “Espaço Lusófono” realista que colabore no diálogo humano com todos os outros “Espaços” do Mundo Contemporâneo, “Desígnio Lusófono” não ultrapassado mas, ao contrário, tornado mais necessário e mais urgente pelos processos felizmente em curso da “Integração Europeia de Portugal”, das várias “Integrações Regionais dos PALOP” ou de “Timor Lorosae”, da “Mercosulização do Brasil” e da “Globalização Societal à Escala Planetária”. Assim permanentemente “**criticada**”, a “**Lusofonia**” **poderá vir a constituir, no século XXI, a grande oportunidade de todos os Países e Povos de Língua Portuguesa.**

Numa história generalíssima das Universidades Portuguesas, às épocas já consagradas da “Universidade de Coimbra” (1ª época), das “Universidades de Lisboa e Porto” (2ª época, da implantação da República), das “Universidades Novas” (3ª época, dos anos 70), foi com alguma surpresa mas total acordo que, há alguns anos, ouvi o Prof. Gomes Canotilho acrescentar a 4ª época das “Universidades Privadas” como fruto histórico do 25 de Abril de 1974.

Em todo o caso, no que à **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias** diz respeito, é o espírito do 25 de Abril, que, desde o princípio, fez com que, designadamente, tenha procurado realizar uma das várias “quadraturas do círculo” que constituem o seu quotidiano desafio, a saber, a pretensão de tornar-se uma “**Escola de Excelência ou de Elite, mas para Todos**” ou uma “**Escola para Todos, mas de Excelência ou de Elite**”, já que o Ensino Superior de Qualidade constitui um dos Direitos Humanos fundamentais e a alfabetização de base do nosso tempo e bem assim o motor insubstituível de democratização e desenvolvimento das Sociedades Contemporâneas. Assim, procurará a **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias** (que, sendo de todas a mais jovem e a mais inovadora, já é também a maior Universidade Privada de Portugal) continuar a corresponder às exigências e objectivos que, com a aprovação oficial, lhe foram oficialmente assinaladas, a saber, “**o ensino, a investigação e a prestação de serviços nos vários domínios da ciência, da cultura e das tecnologias, numa perspectiva interdisciplinar e, especialmente, em ordem ao desenvolvimento dos Países e Povos de Língua Portuguesa**” (Decreto-Lei nº92/98, de 14 de Abril).

Também o “**Conselho de Reitores das Universidades Lusófonas (CRUL)**”, ultimamente criado, se propôs como objectivo “*incentivar um diálogo e uma cooperação sem fronteiras entre os Reitores, Directores e Presidentes das Instituições de Ensino Superior (público e privado, universitário e politécnico, laico e confessional) de todos os Espaços Lusófonos em ordem ao cumprimento da sua missão essencial na construção de uma lusofonia identitária e ecuménica, que realize todas as suas potencialidades no conjunto do globalizado mundo contemporâneo*”.

Para uma Lusofonia assim identitária e ecuménica, democratizante e desenvolvimentadora, poderão sempre todos os Estados, Países e Povos de Língua Portuguesa contar com a presença e o empenho da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e do Conselho de Reitores das Universidades Lusófonas!

Muito obrigado.